

Imaginários do sertão: os sertões nos contos da obra *Bruxaxá* do escritor Átila Almeida (1979)

Emanoel Lucas

Resumo

Este trabalho problematiza as construções de sentido em torno do sertão e do sertanejo, por meio da análise da obra *Bruxaxá: contos sem exemplo e histórias sem proveito* (1979), do intelectual, professor, folclorista e escritor paraibano Átila Almeida (1923-1991). A obra reúne uma coletânea de 22 contos escritos sob o pseudônimo de Francisco Jorge Torres (1783-1852), um parente distante na linhagem Almeida. Os contos exploram diversas temáticas, mesclando realidade e ficção, e apresentam representações de figuras sertanejas e suas interações com os espaços mencionados. Neste sentido, esta investigação busca analisar as construções simbólicas e imaginárias do sertão e do sertanejo na obra, identificando os sentidos atribuídos a essas figuras e aos lugares descritos. Metodologicamente, utilizamos as reflexões de Sandra Pesavento (2004), que traz debates na leitura da obra literária em relação ao seu contexto de criação, entendendo-a como uma forma de construção social e histórica. No campo teórico, trabalhamos com as contribuições de Antonio Carlos Robert Moraes (2003) sobre o sertão como ideologia espacial, os significados imaginários do sertão discutidos por Erivaldo Fagundes Neves (2003) e Durval Muniz de Albuquerque Junior (2019;2021) para discutirmos as apropriações feitas para o espaço sertão. Dessa maneira, também trabalhamos a abordagem do sertão como categoria do pensamento social brasileiro através da literatura, conforme discutida por Janaína Amado (1995).

Palavras-Chave: Átila Almeida; *Bruxaxá*; Sertão; Sertanejo.

Imaginaries of the sertão: the sertões in the short stories of *Bruxaxá* by the writer Átila Almeida (1979)

Abstract

This study problematizes the constructions of meaning surrounding the *sertão* and the *sertanejo* through an analysis of the work *Bruxaxá: contos sem exemplo e histórias sem proveito* (1979) by the Paraíba intellectual, professor, folklorist, and writer Átila Almeida (1923–1991). The book comprises a collection of 22 short stories written under the pseudonym Francisco Jorge Torres (1783–1852), a distant relative in the Almeida lineage. The stories explore various themes, blending reality and fiction, and present representations of *sertanejo* figures and their interactions with the spaces mentioned. In this sense, this research seeks to analyze the symbolic and imaginary constructions of the *sertão* and the *sertanejo* in the work, identifying the meanings attributed to these figures and the places described. Methodologically, we draw on the reflections of Sandra Pesavento (2004), who discusses literary works in relation to their historical and social contexts, viewing them as forms of social and historical construction. In the theoretical field, we engage with the contributions of Antonio Carlos Robert Morais (2003) on the *sertão* as a spatial ideology, the imaginary meanings of the *sertão* discussed by Eivaldo Fagundes Neves (2003), and Durval Muniz de Albuquerque Junior (2019; 2021) to examine how the *sertão* is appropriated as a space. Additionally, we explore the *sertão* as a category of Brazilian social thought through literature, as discussed by Janaína Amado (1995).

Keywords: Átila Almeida; *Bruxaxá*; Sertão; Sertanejo.

Texto integral**Introdução**

Ao longo deste estudo, exploramos uma face da atuação do intelectual, professor, escritor e folclorista paraibano Átila Augusto Freitas de Almeida (1923–1991), aqui analisando a partir de sua produção com a obra *Bruxaxá: contos sem exemplo e histórias sem proveito* (1979). Em pesquisa anterior¹, já foram analisados outros aspectos do trabalho do autor, analisando suas faces intelectuais como *A Face do Bibliófilo*, *A Face do Folclorista* e *A Face do Escritor*, contudo aqui, partimos de uma problemática central,

¹ Tais aspectos foram discutidos no trabalho de conclusão de curso do autor intitulado *As faces de um intelectual: trajetórias e narrativas de Átila Almeida (1974–1991)*, defendido no ano de 2024, na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Cajazeiras, Paraíba.

que consiste em perceber como são construídas as ideias em torno do sertão e do sertanejo no livro.

Segundo Silva,

Átila Almeida foi um bibliófilo e folclorista dedicado à pesquisa da cultura popular. Além disso, foi professor universitário de matemática, escritor de obras científicas e literárias, e desempenhou diversos outros papéis ao longo de sua vida. Filho do historiador paraibano Horácio de Almeida (1896–1983), sua biografia foi influenciada pela relação com o pai que o estimulou no apreço pelos livros, dicionários e pela Literatura de Cordel. Átila Almeida foi casado com a arqueóloga Ruth Trindade de Almeida, uma referência nos estudos de arte rupestre, que desempenhou um papel pioneiro na catalogação de sítios arqueológicos na região dos Cariris Velhos, na Paraíba (SILVA, 2024, p. 15).

Nesse sentido, é pertinente destacar que a obra *Bruxaxá* publicada em 1979, foi o primeiro livro que reunia um conjunto de contos escritos por Átila Almeida.

Átila Almeida deu início à sua incursão no universo dos contos, inicialmente publicando em revistas de amigos, os quais acompanhavam de perto as versões em desenvolvimento, até que os contos fossem reunidos em livros individuais. Em suas obras, Átila Almeida empregou pseudônimos para assumir a autoria, uma estratégia literária utilizada em diversos momentos e com diferentes propósitos (SILVA, 2024, p. 73).

Como citado, o nome de Átila Almeida não era revelado nos seus livros de contos, uma problemática que aqui não será explanada. O nome escolhido para autoria do livro foi o de Francisco Jorge Torres, com base em investigação da linhagem da família Almeida, conseguimos constatar a origem e o verdadeiro proprietário do nome utilizado como pseudônimo.

O nome Francisco Jorge Torres pertence a um parente distante na linhagem da família Almeida. Utilizando as informações fornecidas por Antônio Washington de Almeida Gondim em sua obra *Família Gondim e Outras Linhagens Areenses* (2017), podemos traçar essa genealogia da seguinte maneira: Francisco Jorge Torres casou-se com Maria Franca Torres. Entre os filhos do casal, uma, com nome homônimo da mãe, foi Maria Franca Torres (1826- 1872). Essa Maria Franca Torres casou-

se com Santos da Costa Gondim (1810-1894), e de sua união nasceu Adelaide Jucunda da Costa Gondim. Adelaide, por sua vez, casou-se com Rufino Augusto de Almeida, tornando-se pais de Horácio de Almeida. Horácio casou-se com Corintha Freitas de Almeida, e juntos foram pais de Átila Augusto Freitas de Almeida, sendo assim, Francisco Jorge Torres, seu trisavô (SILVA, 2024, p. 81).

Diante disso, podemos inferir a escolha consciente dos nomes nesta obra como nos outros dois livros publicados. Logo de início, no capítulo introdutório da obra, Átila Almeida fez questão de deixar evidente que se tratava de um pseudônimo na autoria do livro.

[...] fiquei sabendo que fora construído por um tal Francisco Torres, conhecido na crônica da cidade como Marinheiro Jorge, apesar de nunca ter sido marinheiro. Sua experiência de marinhagem foi ter atravessado o atlântico como emigrante. Só. Na cidade serrana foi promovido ou rebaixado a marinheiro, não sei. Vesti-me na pele do marinheiro e refugiei-me no quarto secreto de minha imaginação. Resolvi adotar o nome do finado como pseudônimo e agir como se morasse na cidade (TORRES, 1979, p. 12).

O fato de o livro iniciar com um capítulo intitulado *O pseudônimo* faz com que as dimensões do real e do fictício confundam cada vez mais o leitor. Para quem não conhece o nome real do autor, ou para quem for ler o livro de maneira inocente, ficará se questionando sobre a verdadeira identidade não revelada de autoria dos contos. Contudo, como será apresentado ainda neste trabalho, é visível a identidade de Átila Almeida atrelada ao seu livro no momento de publicação.

Contudo, vale mencionar que a estratégia adotada pelo autor aumentou ainda mais a qualidade da narrativa e da obra. Os significados em torno do livro se desdobram para além do convencional. Estes pontos serão alguns dos questionamentos que serão apresentados a seguir, analisando as representações dos sertões e dos sertanejos em alguns dos contos de *Bruxaxá*.

Os Sertões nos contos da obra *Bruxaxá*

No presente tópico, propomos uma análise inicial sobre como os sentidos dos sertões são construídos e ressignificados ao longo do tempo. Exploramos essa temática por meio de uma abordagem teórica que considera os sertões como construções dinâmicas e multifacetadas, sujeitas a diferentes interpretações e usos. Para isso, dialogamos com o geógrafo Antonio Carlos Robert Morais (2003), que propõe refletir sobre os sertões como uma categoria formulada a partir da perspectiva do “outro”, indicando a influência de olhares externos na definição de suas características e significados. Desse modo, é observado em alguns dos contos de Átila Almeida como essa construção é feita. A espacialidade presente nos contos quase sempre remonta à região interiorana da Paraíba, notadamente a espacialidade nomeada por Cariris Velhos, a qual reflete diretamente o lugar social do escritor.

O livro *Bruxaxá: contos sem exemplo e história sem proveito* (1979) é o primeiro resultado tangível do trabalho do escritor paraibano Átila Almeida. Nele, foram reunidos 22 contos, publicados sob o pseudônimo de Francisco Jorge Torres, como mencionado anteriormente. O livro foi publicado em 1979 na cidade de Campina Grande, na Paraíba, onde Átila Almeida trabalhava como professor universitário na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), atualmente o campus sede da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

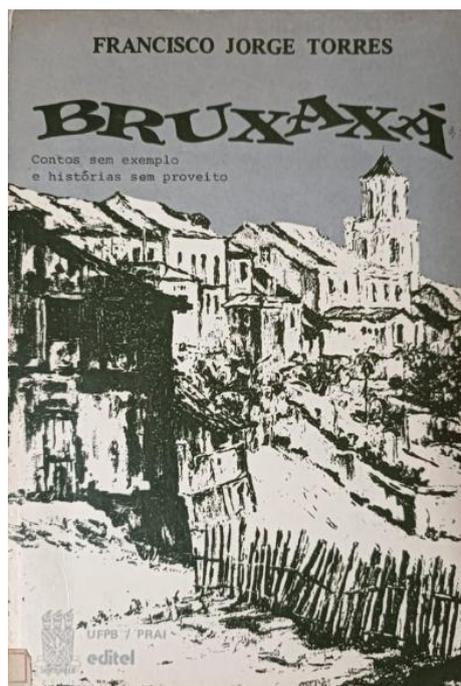
Imagem 1: Lançamento do livro *Bruxaxá*



Fonte: Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida (2023)

Na imagem 1, é perceptível a presença de Átila Almeida com a cabeça baixa à esquerda, enquanto ao centro está Raimundo Asfora segurando um exemplar do livro, seguidos de José Pedrosa (1914–1994), o ex-deputado Aluísio Campos (1914–2002), o jornalista Tarcísio Cartaxo e o professor Sebastião Vieira, ex-reitor da UEPB². O lançamento do livro *Bruxaxá* aconteceu na Livraria Pedrosa, em agosto de 1979, estabelecimento que Átila Almeida frequentou por muito tempo e onde adquiriu muitos dos livros que compõem sua coleção³. Como já evidenciado, os contos que compõem o repertório do livro não são tidos em sua totalidade nas temáticas em torno dos sertões e dos sertanejos, os contos do livro são diversos. Aqui serão explanados três contos específicos dentre os 22 contos que servirão de análise, sendo eles: *Os brabos*, *O copo de leite*, e *A cruviana*.

Imagem 2: *Bruxaxá* (1979)



Fonte: Acervo Pessoal do autor.

² Informações coletadas em: Araújo, Adriano; Sousa, Emmanuel. “Faça do Livro o Seu Melhor Amigo”: 2014 — Centenário de Seu Pedrosa. Retalhos Históricos de Campina Grande. 2014. Disponível em: <https://cgretalhos.blogspot.com/2014/10/faca-do-livro-o-seu-melhor-amigo-2014.html>. Acesso em: 28/01/2024.

³ Átila Almeida foi um grande admirador dos livros, se tornando ao longo de sua vida um Bibliófilo. Anos após sua morte, essa coleção foi doada à UEPB para compor o acervo de uma biblioteca que recebeu o nome de Átila Almeida.

A imagem 2 apresenta a capa do livro, onde é possível perceber elementos característicos de um ambiente particular. Essa é a única figura presente no livro, não havendo ilustrações ao longo dos contos. Contudo, essa já é cabível de análise: a região a qual a imagem tenta referir-se remete a uma região interiorana, é possível observar divisórias nos limites dos terrenos feitos por um cercado simples, e uma capela ao fundo se destacando na vila por conta de sua torre alta. Esses elementos unidos demonstram a tentativa de recorrer a um imaginário cultural brasileiro, como destaca Fagundes Neves (2003) quando analisa os sertões nessa perspectiva, destacando como essas narrativas influenciam a percepção de identidade e espaço.

O primeiro conto de nossa análise, intitulado *Os Brabos*, narra feitos de dois rapazes em uma pequena cidade interiorana, sem delimitar especificamente o estado, mas destacando que está localizada em um dos sertões da região Nordeste. Trata-se da história que rondava a pequena cidade de dois homens valentes e corajosos, Pedro e Miguel. A narrativa gira em torno das memórias das pessoas da cidade referente aos feitos dos dois homens, conhecidos por terem sua história marcada por uma tragédia decorrida de valentia.

[...] na imensa região dos **cariris velhos**, era falar-se em coragem e saía a história de Pedro e Miguel. **Não faltaram poetas de bancada para versá-la**. Pelo menos dois romances são de meu conhecimento. Em versos como em prosa, as narrativas só diferiam quanto a pequenos episódios, todos destinados a preparar o final grandioso que era sempre o mesmo duelo... Por razões óbvias ligadas à minha origem, passei a história a amigos citadinos, sob o pretexto de ilustrar a natureza rústica e violenta da minha gente, que eu sem convicção íntima, lamentava (TORRES, 1979, p. 22, grifos do autor).

Nesse sentido, é possível inferir, mesmo sem delimitar a cidade em que se passa a narrativa, que se trata do estado da Paraíba, isso decorrente da primeira frase que destaca a região dos Cariris Velhos. Este elemento, além de enriquecer o conto, destaca, também, uma questão próxima da realidade de Átila Almeida. A região mencionada no estado da Paraíba, refere-se aos locais onde sua esposa, a arqueóloga Ruth Trindade de Almeida, realizou a catalogação das artes rupestres, que resultou em seu trabalho *A arte*

rupestre nos cariris velhos (1979). Tal fato associado à narrativa coloca o leitor entre realidades e ficção, como outras questões, como podemos observar no seguinte trecho.

Eu já residia no Rio há mais de vinte anos quando, por ocasião de uma de minhas visitas à cidade natal, ouvi a história pela primeira vez. Não conheci nenhum dos dois rapazes. Quando nasceram eu não morava mais em São João. Na época, as histórias de valentia me empolgavam, mas eu não confessava essa predileção a meus amigos cariocas. **Fazia-me civilizado. No Rio, eu deplorava a rudeza dos nordestinos da década de quarenta.** Comparava-os às pedras, aos cactos, à galharia seca esperando chuva. Réplicas da natureza agreste (TORRES, 1979, p. 22, grifos do autor).

Desse modo, a narrativa apresenta aspectos ligados a Átila Almeida, distanciando-se do nome usado na autoria do livro. Percebemos, então, Francisco Jorge Torres sendo usado como um pseudônimo de maneira intrigante, pois, de fato, o nome pertence a um parente distante, mas a narrativa em nada incorpora os elementos de sua vida.

Nesse sentido, tomamos as reflexões da historiadora Janaína Amado (1995) que interpreta o sertão como uma categoria central no pensamento social brasileiro, enfatizando sua relevância como constructo simbólico que reflete os valores e as tensões da sociedade nacional. No conto, a história de valentia entre Pedro e Miguel reflete diretamente uma intenção da construção de um espaço marcado pela barbárie, personificando a figura do homem sertanejo como valente e destemido. “No Rio, eu deplorava a rudeza dos nordestinos da década de quarenta. Comparava-os às pedras, aos cactos, à galharias secas esperando chuva. Réplica da natureza do agreste” (TORRES, 1979, p. 22). Assim, os elementos apresentados nos contos, como características do espaço sertanejo são, na verdade o que o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2019) categorizou como o rapto do sertão, quando o discurso regionalista começa a incorporar o sertão exclusivamente como elemento da região nordeste.

Assim como acontecerá com o sertão figurado pelas narrativas nordestinas, marcado pela violência do cangaço, pelo poder discricionário, pela defesa de um estrito código de honra e virilidade pelos coronéis, pelo misticismo dos beatos, essa produção em torno do sertão, que vem de autores de outros espaços do país, traz sempre

consociadas a fé e a violência, o poder sem peias e a coragem pessoal. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 25)

Diante disso, os elementos usados como figuras descritivas por Átila Almeida revelam a tentativa da personificação do sertão e do sertanejo no espaço marcado pela violência dos dois homens, Pedro e Miguel. Ainda neste conto, Átila Almeida menciona sua localidade na cidade do Rio de Janeiro, o que novamente traz à tona informações da realidade presente na narrativa, que apresenta seus anos de estadia durante sua formação. Segundo Silva,

Na cidade do Rio de Janeiro na década de 1950, Átila Almeida iniciou sua jornada acadêmica ao cursar matemática na antiga Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi nesse contexto que sua atuação intelectual no meio acadêmico teve seu ponto de partida. (SILVA, 2024, p. 32)

Foi ainda nesse período que Átila Almeida iniciava a escrita de suas primeiras versões dos contos do livro *Bruxaxá*. Embora sua produção não se concentre inteiramente em narrativas sobre esse espaço, alguns contos revelam elementos associados ao sertão e ao sertanejo, explorando, singularmente, aspectos simbólicos e culturais ligados a essas figuras. Assim, é fundamental evidenciar que o sertão deve ser entendido como uma construção social e simbólica, carregada de valores e significados específicos. Não se trata de um conceito, categoria ou espaço dado naturalmente, pois não há elementos intrínsecos que definam essa ideia universalmente. Pelo contrário, o sertão é forjado à luz dos interesses ideológicos. Nesse sentido, Antonio Carlos Robert Morais argumenta que,

[...] o sertão não se qualifica, do ponto de vista clássico da geografia, como um tipo empírico de lugar, isto é, ele não se define por características intrínsecas de sua composição ou do arranjo de seus elementos numa paisagem típica. Não são as características do meio natural que lhe conferem originalidade, como o clima, o relevo, ou as formações vegetais. (MORAIS, 2003, p.1).

Sua reflexão reforça a ideia de que as interpretações sobre o sertão estão profundamente enraizadas nos contextos históricos e culturais que as moldaram. Nesse sentido, como elucidado por Morais, as construções do sertão não se baseiam em características puramente geográficas ou naturais, mas emergem de dinâmicas socioculturais e históricas. É por meio desses elementos históricos que o sertão se torna uma categoria simbólica, articulada a partir de interesses e narrativas que ultrapassam a mera descrição de espaços e paisagens.

[...] na verdade, o sertão não é um lugar, mas uma condição atribuída a variados e diferenciados lugares. Trata-se de um símbolo imposto – em certos contextos históricos – a determinadas condições locais, que acaba por atuar como um qualificativo local básico no processo de sua valoração. Enfim, o sertão não é uma materialidade da superfície terrestre, mas uma realidade simbólica: uma ideologia geográfica. Trata-se de um discurso valorativo referente ao espaço, que qualifica os lugares segundo a mentalidade reinante e os interesses vigentes neste processo (Morais, 2003, p. 2).

Diante disso, percebemos que a formulação do espaço dito sertanejo parte da mesma premissa da construção de um espaço nordestino. Conforme discutido pelo historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2021), a região, concebida como Nordeste, emerge da necessidade de afirmação de setores das classes dominantes. No caso do conceito de sertão, sua construção remonta ao período da colonização portuguesa no Brasil.

Enquanto no conto intitulado *O copo de leite*, a narrativa não tematiza o sertão propriamente dito, mas sim, estes sertanejos adentrando o espaço “modernizado”. A história se concentra sobre a adaptação de uma família nordestina em uma capital do país. Ainda preservando elementos que permitem a comparação entre o real e o irreal. O conto inicia com questões peculiares.

A família – pai, mãe, quatro filhos e quatro filhas – chegou ao Rio, vinda do Nordeste, logo depois da Segunda Grande Guerra, tangida, não pela seca, mas pela política. A seca só açoitava o zé povinho. Os da classe média sempre se remediavam quando as chuvas faltavam, mas nem

sempre resistiam às decepções, intrigas, baques econômicos decorrentes das derrotas políticas (TORRES, 1979, p. 113)

Desse modo, é possível refletir sobre os aspectos mencionados no que tange à construção do espaço sertanejo. Segundo Albuquerque Júnior (2019, p. 23), a seca é um dos elementos que dão origem ao discurso regionalista. “A seca de 1877–1879 entrará para a memória como a 'grande seca' e dará origem ao discurso da seca, tornando essa temática central no emergente discurso regionalista do Norte e base para a montagem do que passou a se chamar de indústria da seca”. Tais construções em torno da seca são amplamente tematizados e consagrados nos “romances de 30”, a qual a seca aparece como elemento central nas narrativas. Enquanto no conto de Átila Almeida, ela aparece em plano de fundo, demonstrando por vezes as razões pela migração do interior para as capitais. Em outros casos, questões políticas implicam na saída de algumas pessoas para outras cidades.

A ligação entre a narrativa dos contos e a realidade de Átila Almeida merece destaque mais uma vez. Como mencionado, o “zé povinho” era o mais afetado pelas adversidades da seca e pela escassez de chuvas, enquanto aqueles pertencentes à classe média tinham mais recursos para buscar melhores condições de vida. No trecho analisado, há a menção à migração de uma família com oito filhos, um evento que guarda semelhança com a trajetória do próprio Átila Almeida. Seu pai, o historiador Horácio de Almeida, precisou deixar a Paraíba e se estabelecer no Rio de Janeiro por razões políticas, com sua esposa, Corinha Freitas de Almeida, seguiu para a capital carioca, e seus sete filhos: Átila, Armênia, Libânia, Luiz José, Carlos Eduardo e Ignez. Essa experiência de deslocamento, motivada por circunstâncias sociais e políticas, aproxima a biografia de Átila Almeida dos dramas retratados em sua obra.

O outro conto que se destacou na obra de Átila Almeida foi *A Cruviana*⁴, que narra a jornada de um sertanejo vindo de um engenho, “vindo dos Brejos, cortando pelo

⁴ Ainda sobre este conto em particular, em 1982 ele foi adaptado como enredo para um curta-metragem por José de Lima Acioli (1932–2012), um amigo de Átila Almeida e professor de Física na Universidade de Brasília (UNB). Envolvido tanto pela física quanto pelo cinema, o professor Acioli investiu recursos próprios na produção do filme intitulado *Cruviana*, deslocando-se até o Estado de Alagoas para realizar as filmagens. A

Agreste, ia para os Cariris” (TORRES, 1979, p. 117). Carregando mantimentos nos lombos de seus dois burros, “estrada afora, a tropa de burros, lenta, ordeira, como se soubesse o caminho. Atrás, na burra posseira, ele” (TORRES, 1979, p. 117). O personagem passa a noite intrigado com o significado da palavra “cruviana”, após ter sido alertado a ter cuidado, por um morador durante sua jornada na estrada. “Foi na saída, na bagaceira do engenho, que o administrador o advertiu: _ saindo a essa hora, para onde vai, a noite lhe encontrará no caminho; se tiver de dormir no mato, abra o olho com a cruviana!” (TORRES, 1979, p. 117).

A narrativa, permeada por um tom bem-humorado, revela a imaginação vivida desse viajante ao longo da noite, enquanto ele especula sobre as diversas possibilidades do que a cruviana poderia ser. Em sua busca por respostas, chega a queimar a cangalha de um dos burros para aumentar a fogueira e se proteger do frio intenso, permanecendo alerta e armado com uma espingarda para enfrentar a misteriosa cruviana.

No conto, observamos a presença de um personagem com uma origem mais citadina, proveniente do engenho, que se depara com a realidade social do sertão, um espaço marcado por características próprias. Segundo Erivaldo Fagundes Neves (2003), a construção do conceito de sertão está profundamente ligada ao imaginário social. Com a formulação da ideia de litoral, todas as áreas que ficavam além dessa zona passaram a ser agrupadas sob a denominação de sertão.

O autor destaca que, “durante a ocupação e povoamento da América portuguesa, ‘sertão’ expressou fronteira da colonização, campo de atividades bandeirantes, lugar onde se procuravam minérios e guerreavam-se contra os índios, degolando os homens e escravizando mulheres e crianças” (NEVES, 2003, p. 154). Dessa forma, torna-se evidente que o sertão não era somente uma delimitação geográfica, mas também uma construção simbólica, definida a partir das relações de ocupação e

produção ganhou destaque em matérias de jornais, que detalharam a narrativa do conto e os desafios enfrentados durante o processo de filmagem.

exploração territorial. No conto de Átila Almeida, o sertão já se configura a partir do momento em que o viajante deixa o engenho.

“Como em um jogo de espelhos”, o sertão, espaço do outro – índio, caboclo, vaqueiro, tropeiro, boiadeiro, agricultor – refletia “seu principal referente”, o litoral – território do poder, da força propulsora do desenvolvimento, do padrão cultural – de forma invertida, deformada, estilhaçada (Araújo, 2000, n.p.)

Esse contraste foi, desde sempre, usado para reforçar as premissas do que é sertão, um espaço distante do litoral, de pensamentos estagnados, onde a modernidade ainda não havia adentrado. De forma similar, a historiadora Janáina Amado discute a categoria de sertão enquanto fruto de uma categoria do pensamento social brasileiro.

Segundo a autora:

De modo geral, denominava “terras sem fé, lei ou rei”, áreas extensas afastadas do litoral, de natureza ainda indomada, habitadas por índios “selvagens” e animais bravios, sobre as quais as autoridades portuguesas, leigas ou religiosas, detinham pouca informação e controle insuficiente. Nesse sentido, “sertão” foi uma característica construída primeiramente pelos colonizadores portugueses, ao longo do processo de colonização. Uma categoria carregada de sentidos negativos, que absorveu o significado original, conhecido dos lusitanos desde antes de sua chegada ao Brasil – espaços vastos, desconhecidos, longínquos e pouco habitados -, acrescentando-lhe outros, semelhantes aos primeiros e derivados destes, porém específicos, adequados a uma situação histórica particular e única: a da conquista e consolidação da colônia brasileira (Amado, 2003, p. 148).

Assim, é possível concluirmos o entendimento central da nossa discussão, pautado em apresentar, do ponto de vista teórico-histórico, as construções utilizadas em torno do espaço forjado como sertão na obra de Átila Almeida. Essas construções, ao longo da história, não somente refletem, mas também consolidam a visão de um espaço marcado por uma distância não só geográfica, mas também cultural e social em relação ao litoral e aos centros urbanos.

De acordo com o dicionário de língua portuguesa, cruviana pode significar: frio excessivo; chuva leve e passageira; vento muito gelado que surge ao longo da madrugada. E, de fato, foi esse infortúnio que

acompanhou o peregrino durante sua jornada noturna. Desconhecendo o termo, o homem, excessivamente orgulhoso para indagar ao informante, receava criar uma imagem de medo, optando, assim, por se precaver contra qualquer eventualidade. Esse detalhe adiciona mais um toque humorístico à narrativa do conto de Átila Almeida (SILVA, LOA, 2024, p. 344)

Desse modo, observamos a materialização já presente na literatura de Átila Almeida, agora em outros espaços, nas telas de cinema do país. O curta-metragem incorporou todos os elementos forjados nos escritos do autor original, tomando como eixo central a relação do sertanejo com os saberes populares e os desafios impostos pelo ambiente do sertão. Como também a figura do viajante, que recorre à criatividade e à precaução para enfrentar o desconhecido, personifica um dos traços marcantes do imaginário sobre o nordestino, a capacidade de se adaptar e lidar com situações adversas.

A narrativa destaca ainda a valorização de termos e expressões locais, como o próprio título, que encapsula os elementos culturais do sertão. Essa característica reforça o papel da oralidade e do cotidiano na formação da identidade regional, enquanto o humor presente na história suaviza e romantiza as dificuldades enfrentadas, ressaltando a sagacidade do sertanejo diante do inesperado. Desse modo, a partir das diferentes abordagens teóricas apresentadas, torna-se claro que o sertão é uma categoria de significados múltiplos, construída através de narrativas que servem a diferentes interesses políticos, sociais e culturais, sendo constantemente reinterpretada para se adequar a novos contextos históricos. Portanto, o sertão deixa de ser um simples espaço geográfico, sendo uma construção simbólica que, como demonstrado por autores como Moraes, Neves e Amado, é marcada pela imposição de valores e ideologias que contribuem para a definição da identidade do Brasil.

Considerações finais

No presente texto, analisamos as representações do sertão e do sertanejo na obra ***Bruxaxá: contos sem exemplos e histórias sem proveito*** (1979), de Átila

Almeida, intelectual e folclorista paraibano, à luz de uma fundamentação teórica que reconhece o sertão como uma construção simbólica. O objetivo foi compreender como esses elementos são incorporados e ressignificados em sua narrativa, revelando a complexidade das imagens do sertão e do sertanejo em diferentes contextos históricos e culturais. Ao adotar essa abordagem, buscamos integrar as reflexões teóricas de Antonio Carlos Robert Morais (2003), Erivaldo Fagundes Neves (2003) e Janaína Amado (1995), que enfatizam o caráter simbólico, histórico e cultural das construções do sertão.

Essa perspectiva teórica permitiu superar leituras reducionistas do sertão como um espaço fixo e homogêneo, apresentando-o, em vez disso, como uma “ideologia geográfica” (Morais, 2003) que reflete dinâmicas de poder, interesses políticos e projeções culturais. Em consonância com autores como Fagundes Neves, entendemos o sertão como uma “fronteira da colonização”, construída em oposição ao litoral e aos centros urbanos, sendo associado às ideias de rusticidade, atraso e resistência cultural.

Assim, ao explorar como esses significados se manifestam nas narrativas de Átila Almeida, pretendemos não somente iluminar aspectos da produção do autor, mas também contribuir para o debate sobre as representações do sertão na literatura brasileira. Desse modo, as reflexões teóricas de Morais, Neves e Amado iluminam como Átila Almeida articula, em sua obra, os sentidos do sertão como espaço e como ideia. Sua escrita não somente registra memórias e tradições, mas também tensiona os imaginários dominantes, evidenciando o sertão como um espaço dinâmico, capaz de incorporar contradições e possibilidades. Como observado em **Os Brabos e O copo de leite**, a obra do autor constrói pontes entre as vivências individuais e os significados coletivos atribuídos ao sertão, revelando o sertanejo como protagonista de sua própria história e identidade.

Portanto, ao abordar o sertão enquanto construção simbólica e cultural, as narrativas de Átila Almeida ampliam nossa compreensão sobre os processos de ressignificação desse espaço na literatura. Elas nos convidam a revisitar os estereótipos que marcaram o sertão como um lugar de isolamento e atraso, propondo novas leituras

que reconhecem sua centralidade na formação da identidade brasileira. Nesse sentido, a obra de Almeida não somente dialoga com o passado, mas também contribui para um debate contemporâneo sobre a diversidade e a complexidade dos sertões.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 3. ed. Recife: FJN; São Paulo: Cortez, 2021.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O rapto do Sertão: a captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista nordestino. In: **Revista Observatório Itaú Cultural**. p. 21-35. 2019.
- ALMEIDA, Horácio de. **Ao redor de mim mesmo** (lembranças que não se apagam). Campina Grande: [s. n.], 1985.
- ALMEIDA, Ruth Trindade de. **A arte rupestre nos cariris velhos**. João Pessoa: Editora da UFPB, 1979.
- AMADO, Janaína. Região, Sertão e Nação. **Revista Estudos Históricos**, v. 8, n. 15, p. 145-152, 1995.
- ARAÚJO, E. Tão vasto, tão ermo, tão longe: o sertão e o sertanejo nos tempos coloniais. In: DEL PIORE, M. **Revisão do paraíso: os brasileiros e o Estado em 500 anos de história**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Todavia, 2023.
- CANUTO, Sylvio. Professor José Acioli e a Física na Universidade de Brasília. **e-Boletim da Física**, v. 2, n. 5, p. 1-4, 2013.
- GONDIM, Antônio Washington de Almeida. **Família Gondim e Outras Linhagens Areenses**. João Pessoa: Ideia, 2017.
- GURGEL, Veronica Torres; KASTRUP, Virginia. O Processo de Escrita Literária e o Co-Engendramento da Obra de Arte e do Autor. **Psicologia em Revista**, v. 25, n. 3, p. 1000- 1020, 2019.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. O sertão. Um “outro” geográfico. **Terra Brasilis. Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica**, n. 4-5, 2003.
- NASCIMENTO, Francineide Batista do. **Estudo sobre a Preservação Documental do Arquivo do Prof. Átila de Almeida**. 2013. Monografia (Especialização em Gestão em Arquivo) – Universidade Federal de Santa Maria, São Lorenço do Sul, 2013.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural. **Politeia-História e Sociedade**, v. 3, n. 1, 2003.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª. Ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2004

SILVA, Emanoel Lucas dos Santos. **As faces de um intelectual**: trajetórias e narrativas de Átila Almeida (1974-1991). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, 2024.

SILVA, Emanoel Lucas dos Santos. Loa, Gabriely Késia de Oliveira. Traçando o perfil de Átila Almeida: uma autobiografia entre a história e a literatura. In. Anais I JEHISLIT/Vol. II. p. 335 – 349. **I Jornada de Estudos em História e Literatura, palavras que perduram: historiografia e crítica literária (Vol. 2)**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Puc-Minas), 2024.

O autor

Emanoel Lucas

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Recebido em 11/2024 • Aprovado em 02/2024 • Publicado em 03/2024